

ENTREVISTA COM RICARDO BARROS¹

O EVANGELHO SEGUNDO PLÍNIO MARCOS

Por Kathrine BUTIERI²

Ricardo Martins de Barros (Kiko), segundo filho de Plínio Marcos, considerado pelo pai um ator de talento promissor, trabalhou em algumas peças de Plínio, entre elas, *Jesus homem*, em que interpretou o personagem Isaiás. A despeito da vocação artística, preferiu seguir estudos na área de biologia marítima³. Hoje, Ricardo é responsável por todo o acervo deixado pelo pai, considerado pela crítica “o mais vigoroso talento surgido na década de sessenta⁴”. Excepcional escritor, dramaturgo, ator, diretor e jornalista, Plínio Marcos obteve importantes prêmios com algumas de suas peças de teatro, como *Barrela*, *Navalha na carne* e *Dois perdidos numa noite suja*.

O desejo de entrevistar Ricardo Barros surgiu da necessidade de entendermos a religiosidade “subversiva” presente em diversas peças do dramaturgo Plínio Marcos, principalmente em *Jesus homem*, que compõe o *corpus* de nossa dissertação, sob orientação da professora doutora Ana Rosa Ferreira Dias. Ricardo, apesar da voz grave e do ar sério, tratou a entrevista, realizada no café da Livraria Cultura, em São Paulo, como um bate-papo, que nos proporcionou momentos agradáveis de descontração e bom-humor.

¹ As editoras de VERBUM agradecem a gentileza da entrevistadora e do entrevistado em cederem o conteúdo para publicação em nosso volume 6, número 4.

² Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: katbutieri@gmail.com

³ MENDES, Oswaldo. *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*. São Paulo: Leya, 2009.

⁴ Comentário de Sábato Magaldi constante na obra *História do teatro brasileiro: do modernismo às tendências contemporâneas* (v. 2, p. 123), de João Roberto Faria, publicada pela editora Perspectiva, em 2013.

Verbum: Você acredita que *Jesus homem* foi uma saída mística de Plínio?

Ricardo Barros: Acredito que a religiosidade de Plínio vem desde sempre, desde que ele era criança, dos pais dele, de minha avó, de minha bisavó, Lucila. Todos tinham um lado muito de religiosidade, não só de religião, mas de religiosidade também.

Verbum: Essa peça é uma passagem sobre a Paixão de Cristo, uma passagem bíblica...

Ricardo Barros: Depois virou moda, né? O Evangelho segundo fulano, o Evangelho segundo sicrano, e aqui é o Evangelho segundo Plínio Marcos.

Verbum: Ele montou essa peça quando estava no Galpão?

Ricardo Barros: No circo. Quando ele estava no circo, tinha dois momentos: o momento circo, como palhaço Frajola, como malabarista, mágico ou ilusionista, equilibrista... O circo que ele trabalhava não tinha leão, elefante, não tinha nada disso. A segunda parte do espetáculo era o momento teatro e, muitas vezes, era a Paixão de Cristo, perto da Páscoa se fazia a Paixão de Cristo. No curto período que fui ator, a gente montou *Jesus homem* ali no teatro da Praça da República, nesse sentido, quando era Páscoa, era a Paixão de Cristo que era *Jesus homem*, no caso. Não sei se era segunda roupagem. Ele dirigiu.

Verbum: Ele montava a *Paixão de Cristo* todos os anos? Como acontece tradicionalmente?

Ricardo Barros: Tem todos os anos, mas no caso ali era um momento que ele estava desempregado, um segundo tempo. Nessa parte que eu participei com o Mateus, era um momento em que ele estava desempregado, várias outras pessoas estavam desempregadas, juntou todo mundo pra fazer e ganhar um dinheirinho, umas quatro ou cinco apresentações e tal. Quando ele fez a primeira montagem no Taib [Teatro de Arte Israelita Brasileiro], já era um processo de texto bem escrito. Lá ele escreveu *Dia virá!* e reescreveu *Jesus homem*.

Verbum: Todas as vezes que ele montava a *Paixão de Cristo* ele mudava alguma coisa ou era sempre igual?

Ricardo Barros: Não. A *Paixão de Cristo* do circo era a Paixão de Cristo mesmo, como a Bíblia conta, não era de autoria dele. *Jesus homem* já tem o tempero dele, tem todos os detalhes que aí ele procurou para o texto que escreveu. Como o *Evangelho*, vou esquecer o nome dos autores, mas sobre outros autores que aí o cara conta como ele acha que é, não

necessariamente seguindo a Bíblia, claro que seguindo muita coisa... mas isso aqui acho que sim, isso aqui acho que não. No caso do texto tanto de *Dia virá!* quanto de *Jesus homem* tem o tempero do Plínio. Quando ele fazia no cirquinho, era a Bíblia, não necessariamente o que ele escreveu.

Verbum: Na encenação que ele fez, em 1981, cuidou da iluminação, da direção, e o texto era dele...

Ricardo Barros: O Bando [nome do grupo de artistas que se juntou para montar a peça *Barrela*] acabou sendo premiado como alternativa de produção etc., justamente por trazer essa linha das coisas de baixo para cima. Apesar do texto ser dele, a direção também era dele, a iluminação era dele. Tudo era dividido igualmente. Todos, aquele que estava em cena e aquele que não estava em cena deveriam trabalhar intensamente. Como a alternativa que ele tinha era pegar a galera, e como não tinha divulgação, as pessoas não falavam do que estava acontecendo lá, não falavam das peças do Plínio. Então, o Plínio era aquele cara chato que só falava sobre liberdade de expressão e bla, bla, blá. Não era divulgado, não saía no jornal, eles filipetavam, entregavam filipetas nas ruas, o preço era barato. O teatro, sei lá, cabia muita gente. Começava o espetáculo com o samba, os maiores sambistas de São Paulo estavam no grupo, que era Zeca da Casa Verde, Jangada, Toniquinho Batuqueiro, Talismã. Eles faziam o samba e isso trazia o povão, entendeu? Depois tinha o espetáculo, depois do espetáculo, debate. Essa alternativa de fazer teatro de baixo para cima é que foi premiada, mas não tinha essa coisa de “Ah! sou o diretor, sou o autor vou ganhar cinco vezes mais” ou “eu sou estudante”, era tudo dividido ao meio.